

**AS CONDIÇÕES DE TRABALHO
DO PROFESSOR DE ARTE:**
um estudo do Observatório no
âmbito do ensino de arte



Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Janedalva Pontes Gondim
(Organizadoras)



Organização:

Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
Janedalva Pontes Gondim

Revisão de texto

Janedalva Pontes Gondim

Projeto gráfico e diagramação:

Alessandra Paes

Capa:

Alessandra Paes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

As condições de trabalho do professor de arte
[livro eletrônico] : um estudo do observatório
no âmbito do ensino de arte / organização Maria
Cristina da Rosa Fonseca da Silva, Janedalva
Pontes Gondim. -- 1. ed. -- Florianópolis, SC :
Editora AAESC, 2023.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-88730-18-8

1. Artes 2. Artes - Estudo e ensino
3. Professores - Formação I. Silva, Maria
Cristina da Rosa Fonseca da. II. Gondim,
Janedalva Pontes.

23-184206

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores de arte : Formação profissional :
Educação 370.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DESDOBRAMENTOS DA ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE AO ENSINO BÁSICO

Julia Rocha

Universidade Federal do Espírito Santo- UFES¹⁷

Katyuscia Sosnowski

Instituto Federal do Paraná-IFPR¹⁸

Introdução

O presente texto pensa o encadeamento entre a universidade e ensino básico, ao propor-se uma relação entre os dois campos mediada por um material educativo pensado para promover experimentações com arte contemporânea e ampliação do repertório de práticas no ensino da arte.

A articulação potencializada pelo grupo do *Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina* evidencia o caráter formativo e enriquecedor do projeto, pelas trocas estabelecidas entre estudantes e professoras de diferentes instituições, ao relacionar uma ação da Universidade Federal do Espírito Santo com práticas do Instituto Federal do Paraná, ambas mediadas por professoras das duas instituições.

A reflexão parte da análise dos resultados da pesquisa desenvolvida coletivamente por meio do questionário desenvolvido em âmbito nacional, aplicado com 737 professores de arte atuantes na educação básica a partir de um amplo conjunto de perguntas elaboradas pelo coletivo do *Observatório*.

¹⁷ Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Portugal. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea. Contato: pjuliarocha@gmail.com

¹⁸ Doutora em Informática na Educação - PPGIE - UFRGS/ UNT Universidade do Norte do Texas; Docente de Artes Visuais no Instituto Federal do Paraná- IFPR Campus Coronel Vivida; pesquisadora do NEDIH - Núcleo de Educação em Direitos Humanos IFPR. Contato: kaluhe@gmail.com

Com o objetivo de mapear a realidade de trabalho e as práticas do ensino da arte no contexto brasileiro, a pesquisa foi desenvolvida por meio de questionário digital, alternando-se em questões abertas e fechadas que demonstraram um panorama das condições de trabalho e contratação, do contexto de formação e atuação e do perfil de metodologias e práticas dos docentes que lecionam em diferentes segmentos da educação básica no campo da arte.

1. Os desafios da prática docente e o processo criador - Pesquisa do Observatório

Desde a finalização da coleta dos dados, o grupo de pesquisadores do Observatório tem se dedicado na tabulação e análise das respostas, visando dar visibilidade para o quadro levantado a partir do retorno dos professores de arte e processar as informações coletadas a partir dos questionários. A reflexão sobre os dados permite não somente ter um panorama sobre os diferentes campos buscados no conjunto de perguntas, bem como, conectar com outras problemáticas e práticas, justamente pela complexidade e pluralidade de pesquisas envolvidas no coletivo do grupo de pesquisadores e professores.

A presente reflexão conecta-se com as respostas a respeito de duas perguntas: questão 35 *“quais os principais desafios em ser professor(a) de artes?”* e questão 36 *“como acontece seu processo criador na docência em artes?”*, considerando destaques das respostas em diálogo com as pesquisas das autoras do presente texto e o trabalho desenvolvido em colaboração.

O olhar para o retorno dos professores permite ressoar aspectos identificados nas práticas docentes realizadas no ensino superior e no âmbito do ensino básico no Instituto Federal, dialogando diretamente com a experiência prática posteriormente relatada.

Iniciando com a questão 35, que buscava identificar os principais desafios encontrados em ser professor(a) de artes, podemos destacar cinco aspectos que se repetiam com maior incidência no retorno dos questionários. A primeira delas, relatada por muitos professores, dizia respeito ao entendimento e ao respeito da disciplina dentro do currículo e diante das demais. Evidenciando reflexos do processo histórico, os professores demarcam como a disciplina de arte ainda é

desvalorizada entre os pares, os alunos e os gestores. Relatos registram que os desafios «São muitos, a disciplina é pouco valorizada, tanto pelos alunos, e até por outros profissionais de educação», e que ainda é preciso “Fazer com que a coordenação pedagógica entenda a importância do Ensino de Arte, pois ainda se entende como uma disciplina recreativa”.

Um segundo aspecto levantado a partir da questão 35 sobre os desafios em ser professor(a) de artes diz respeito ao espaço físico, uma vez que os professores demarcam a falta de um local adequado para atender às especificidades da disciplina. A demanda pela sala de artes é alternada entre os respondentes por dois aspectos, um positivo, outro negativo. Primeiramente, pela potencialidade de atender às possibilidades de desenvolvimento de práticas, em contrapartida, pela problemática de superlotação do quantitativo de estudantes nas salas de aula convencionais.

Junto ao espaço, um terceiro ponto que os professores indicaram como desafiador diz respeito ao tempo, advertindo que em muitas redes de ensino e em diferentes segmentos “O tempo da aula é muito curto! 1 aula semanal por turma”. Com um encontro semanal com cada grupo, um dos principais desafios se forma: “Buscar estratégias que supram todas as dificuldades dos alunos, [justamente pelo] pouco tempo com os alunos».

A “Falta de material” foi o quarto ponto indicado pelos professores como desafiador na sua prática do ensino da arte, referindo-se mais comumente à restrição de recursos para práticas, citando materiais específicos para a criação em arte. Reverberando inclusive na reflexão que se fará a seguir, sobre o processo criativo. Muitos professores relacionam a desvalorização da disciplina com a falta de espaço, tempo e material, atrelando todos esses desafios a mesma gênese, do percurso histórico da disciplina. Nesse processo, os respondentes se repetem no retorno dos questionários ao recorrentemente repetirem esses tópicos, encadeados em torno de uma mesma problemática.

Um tópico, contudo, se diferencia entre o rol de respostas dadas pelos professores à questão 35, porque trata especificamente do processo formativo e construtivo do professor. Pensando em uma característica própria da disciplina e na necessidade de “Se manter atualizado”, muitos professores demarcaram em suas respostas que um desafio encontrado na sua prática está em manter “Um novo olhar para a disciplina ensino de arte”, em “Ser professor de arte, se

reinventar, estudar constantemente”. Parte dessa necessidade contínua de formação diz respeito ao objeto do qual trata a área, pelo campo estar em constante transformação e por termos produções contemporâneas continuamente sendo produzidas e fomentando a necessidade de formação continuada por parte dos docentes.

Por outro lado, os professores informam ter pouco incentivo para processos de formação dentro de sua prática docente - aliando, novamente, o desafio do tempo à sua prática, agora numa outra perspectiva. Apesar de identificarem que «A profissão me desafia a ser uma eterna pesquisadora, lendo, escrevendo e ensinando. Para mim creio que o desafio maior é não me deixar levar totalmente pela alienação, gostaria de ser uma professora que atua pensando”, outros professores sinalizam que as políticas públicas das redes de ensino não incentivam esse processo, pois há «Pouco tempo para estudo e planejamento, diminuição de hora atividade».

Na sequência da análise do questionário aplicado aos professores, a pergunta 36 indagava “*como acontece seu processo criador na docência em artes?*” e indicava, a partir das respostas, três principais caminhos para pensar práticas de criação.

Uma primeira perspectiva dos respondentes compreendeu a questão atendendo de maneira mais direta aos documentos reguladores da educação básica, porque indicavam que pensavam no processo criador “Seguindo as normas da BNCC”, por exemplo. Alguns professores chegaram a indicar o uso do material didático como normativa orientadora dessas práticas, informando que: “Com base nos conteúdos da apostila acrescento novos artistas e processos e técnicas”. Dessa forma, indicavam nas respostas como ponto de partida, novamente, os documentos reguladores das matrizes curriculares, que posteriormente poderiam ser ampliadas.

Uma segunda perspectiva foi percebida entre os respondentes na questão 36, indicando uma estreita relação entre processo criador e formativo, visto que parte do retorno apontava que a prática era realizada “A partir da pesquisa, das referências bibliográficas e artísticas e de um processo de constante formação”. Sob essa leitura, compreende-se que o entendimento dos professores sobre o processo criador abarca não somente a prática desvinculada da reflexão ou teorização, mas atrelada ao embasamento da arte. Por isso, muitas respostas

diversificaram as fontes de referências utilizadas no processo de criação. Foi interessante identificar também que parte dos respondentes indicou o repertório dos educandos como ponto de partida para a criação, porque desenvolvem o processo utilizando “Pesquisa online, livros de acervo particular, a partir da escuta dos estudantes”.

Essa inclusão do olhar para o que os alunos trazem como contribuição encaminha para uma terceira perspectiva, que abarca respostas que incluem múltiplas fontes de referência, associando práticas formativas e de pesquisa, com a escuta do repertório dos estudantes, práticas de visitação à exposições, utilização dos materiais didáticos, entre outros.

Um docente informou que seu processo criador parte do “Diálogo com estudantes, ampliação de repertório cultural, proposições estéticas e temáticas, experimentações práticas”, enquanto outro afirmou “Costumo visitar exposições, consulto livros didáticos, acompanho artistas nas redes sociais, acompanho o Prêmio Pipa, a Bienal de SP, assisto filmes, séries. Tento prestar atenção na produção dos alunos e os assuntos que eles curtem e assim por diante”.

O retorno dos professores às duas questões analisadas permitiu identificar como alguns desafios encontrados dimensionam-se na demarcação da importância da disciplina e nas conquistas em relação ao processo formativo - do próprio professor e dos estudantes -, relacionando tempo e espaço específicos como necessidades para o ensino da arte.

Retornando à questão 35, a resposta de uma professora sintetiza muitas das problemáticas indicadas no conjunto total analisado no presente texto, porque condensa múltiplos desafios encontrados na prática docente:

“Trabalhar com pouco tempo (1 aula por semana), trabalho totalmente solo, não ter com quem compartilhar, a luta pelo reconhecimento constante da área e seu valor, o acesso a materiais importantes na contemporaneidade como um projetor fixo na sala de artes (quando há sala de artes), tempo curto para planejamento e pouco incentivo para a formação continuada (único lugar de troca para os professores)”.(Professora x, Observatório, 2022)

Assim, parte do processo desenvolvido por grupos como o *Observatório* está na formação continuada de professores e na elaboração de materiais educativos

e práticas de mediação que possam reverberar em sala de aula, tanto na educação básica, como no ensino superior. Exercícios formativos são desenvolvidos com o objetivo de atenuar o sentido do trabalho totalmente solo mencionado pela professora, para que propostas circunscritas na contemporaneidade possam ser desenvolvidas em parceria, tal como refletimos aqui.

2. Mediação no ensino da arte

A partir dos desafios identificados na escuta dos professores por meio dos questionários e da identificação de como os mesmos articulam seus processos de criação em sala de aula, encontramos reverberação em exercícios desenvolvidos na nossa prática docente, tanto no ensino superior, na Universidade Federal do Espírito Santo, como na educação básica, no Instituto Federal do Paraná, desenvolvemos um trabalho de parceria, proposto entre março e abril de 2023. Impulsionadas pelo movimento do *IV Encontro do Observatório* criamos uma articulação entre um projeto desenvolvido na Ufes - o material educativo *dobra palavra* - com práticas educativas do IFPR, articulando estudantes de graduação e ensino médio em um processo de mediação.

Dentro dos estudos do ensino da arte, a mediação cultural é recorrentemente pensada como prática educativa associada exclusivamente aos espaços expositivos e museais, conectando obras e públicos por meio do diálogo com um educador.

Carmen Mörsch (2014) situa diferentes acepções para o termo “mediação”, conceituando como o trabalho educativo é compreendido em contextos diversos, mas sempre definindo-o em proximidade com o objeto da arte, ou seja, pensando as práticas de educação diretamente associadas à produção dos artistas.

Constituir o conceito de mediação a partir das instituições pressupõe assumir o objeto artístico como centro da discussão, tomando-o como foco da análise e da discussão do trabalho dos mediadores, que partem das leituras estabelecidas a partir das obras para que práticas educativas possam ser construídas. As modalidades possíveis de ações criadas são múltiplas, não restringindo-se ao modelo de visita mediada, mais recorrentemente associado ao trabalho dos mediadores.

Dessa forma, de acordo com Morsch (2014), a mediação pode ser compreendida como os processos de debate e construção onde a arte está no centro entre objetos artísticos, instituições, o contexto social e os sujeitos que dialogam. Assim, toma-se o objeto de análise como foco das trocas estabelecidas, partindo da arte para elaboração de práticas educativas, seja em que âmbito se propor, formal ou não formal.

Nesse contexto, contudo, tomamos a mediação como um exercício de aproximação ao objeto da arte sem restringir-se ao efeito institucional, pensando essa articulação em múltiplas vias, inclusive considerando práticas escolares como potencialmente mediadoras. A ação educativa é tomada como prática de mediação pela possibilidade de interlocução direta com o objeto de estudo do campo e pelos exercícios de leitura de imagem que construímos com o material educativo que será apresentado.

A mediação cultural pressupõe, a partir da apropriação da perspectiva construtivista, um diálogo entre os diferentes sujeitos envolvidos na ação educativa. A linguagem e as relações com o meio são efeitos determinantes da aprendizagem, como busca sintetizar o termo que apropriamos de Vygotsky (ROCHA, 2012, p. 49). Quando utilizamos mediador para definir o sujeito que “relaciona, dialoga e convoca o espectador com sua própria experiência”, é desse referencial que estamos partindo.

O aspecto da linguagem é preponderante para a perspectiva de mediação que conceitua-se nessa articulação entre universidade e ensino básico, porque defende-se uma prática dialogada e que seja construída coletivamente, em um processo horizontal. A utilização do material educativo demandava uma metodologia de participação e envolvimento dos estudantes durante o processo, pela divisão em equipes e pelo caráter de pesquisa que parte dos conceitos sugeria durante sua utilização.

Pela construção do material e pela metodologia proposta nos exercícios, outra característica que balizava o conceito de mediação era o da experimentação, que deveria ser efetivamente concretizada pelos estudantes por meio da reconstrução dos processos de criação dos artistas apresentados no material educativo. Portanto, pensamos a mediação cultural nesse trabalho como um exercício de aproximação direta com o objeto da arte e também de diálogo, experimentação e construção coletiva.

A proposta educativa descrita foi relacionada ainda a partir de um

dispositivo mediador, um material educativo articulador entre as instituições e os diferentes sujeitos envolvidos, pensado como ponto de partida para as experimentações com arte contemporânea provocadas.

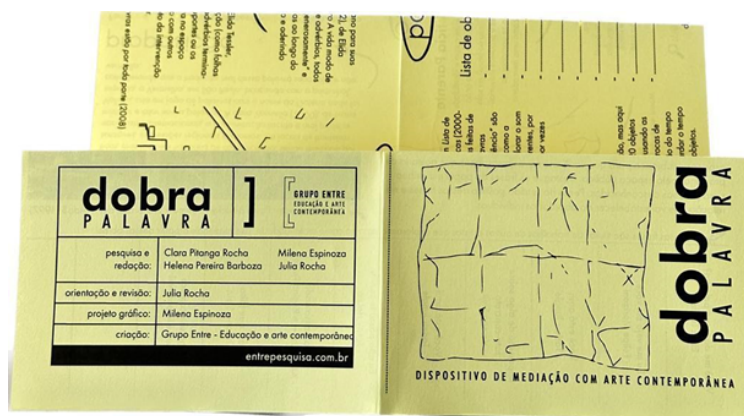
3. Dobra palavra - dispositivo de mediação com arte contemporânea

O material educativo dobra¹⁹ foi desenvolvido como um dispositivo de mediação com arte contemporânea, proposto para que professores e educadores possam ativar experimentações práticas em torno de temáticas que se conectam à produção de artistas.

Elaborado pelo Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea (Ufes/CNPq) como um recurso para ampliar repertório em torno da produção artística, a primeira edição deste material educativo reuniu trabalhos em torno da temática “palavra”, pensando-a em cinco diferentes dimensões: som, espaço, política, território e corpo.

Para tal, foram escolhidos trabalhos de cinco artistas contemporâneas que utilizam da palavra como materialidade em suas obras, desenvolvendo práticas em *videoperformance*, instalação, intervenção urbana e experimentação sonora.

Imagem 1- Material educativo dobra palavra - Dispositivo de mediação com arte contemporânea



¹⁹ Material educativo disponível em: <<https://www.entrepesquisa.com.br/post/dobra-palavra>>. Acesso em: 25 Jul. 2023.

Produções de Raquel Stolf, Elida Tessler, Jenny Holzer, Ivana Vollaro e Letícia Parente são o ponto de partida para que professores e estudantes conheçam mais sobre arte contemporânea e formas de desenvolver práticas tendo a palavra como materialidade.

No dispositivo de mediação cada trabalho é apresentado com um texto explicativo, que vem acompanhado de uma proposição para que seja realizada uma experimentação da obra. A prática não é construída como releitura dos trabalhos, mas como um processo de recriação de modo que o material educativo seja um caminho para conectar-se com a arte contemporânea, um exercício de mediação que sugira formas de relacionar-se com as obras das artistas, recriando de maneira conceitual ou material proposto.

A equipe que desenvolveu o *dobra* é formada por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Ufes e professores atuantes na rede básica de ensino e em espaços não formais de educação. Participaram da pesquisa e redação Clara Pitanga Rocha, Helena Pereira Barboza, Milena Espinoza e Julia Rocha. O projeto gráfico foi realizado por Milena Espinoza e a orientação e revisão ficaram a cargo de Julia Rocha. O material contou ainda com consultoria de professores que compõem o Grupo Entre.

O *dobra* foi pensado como um material educativo para ser ativado por diferentes professores e educadores e, por isso, construído como um recurso acessível em diversos contextos educativos.

Esse dispositivo de mediação é composto de duas partes, uma primeira é efetivamente do “material educativo”, arquivo para ser impresso e utilizado diretamente com os estudantes. Essa primeira parte constitui o documento dobrável²⁰ que intitula o material, sendo objeto de intervenção direta e acesso às informações sobre as obras e as proposições práticas. A segunda parte é denominada “arquivo de apoio”²¹ e se constitui de uma apresentação que o professor pode acessar para formação, tanto para sua preparação, quanto para utilização diretamente com o grupo com o qual pretende desenvolver a proposta, a depender de como quiser utilizar o material.

²⁰ O “material educativo” dobra palavra pode ser acessado diretamente pelo link: <https://d828a-2b8-f4a9-4b11-8f96-eebb938aa551.filesusr.com/ugd/b2b5b6_3e8b852345544140ba26094a2f469a35.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

Imagem 2- Orientações modo de usar dobra palavra



A utilização do *dobra palavra* não tem uma delimitação ou um ponto de partida fechados. Propositores que o acessarem e ativarem poderão envolver o dispositivo em uma sequência didática parcialmente ou integralmente, como jogo, atividade ou avaliação, como experimentação individual ou coletiva. Justamente por não buscar um caminho definido, a formatação do material educativo dialoga com um mapa e pressupõe dos participantes a manipulação e movimentação da dobra, invertendo sentidos do papel para leitura, girando a folha para compreensão das atividades.

O tempo de desenvolvimento das práticas também é aberto, a depender dos modos escolhidos pelos educadores para desenvolvimento dos exercícios lançados a partir do dispositivo *dobra*. Como é possível relacionar também as práticas das cinco artistas de partida com os artistas sugeridos no desdobramento e outros muitos que exploram a palavra como materialidade, os projetos realizados a partir do material serão respondidos de forma diferente por cada grupo ou cada professor proponente que ativar esse dispositivo.

O relato das práticas desenvolvidas pelos estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Coronel Vivida

²¹ O “arquivo de apoio” do dobra palavra pode ser acessado diretamente pelo link: <https://d828a-2b8-f4a9-4b11-8f96-eebb938aa551.filesusr.com/ugd/b2b5b6_ff5279f0cd1a471cbbcac8c6c9327e17.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2023.

partilhado neste texto evidenciam, inclusive, como o tempo é um dos desafios para utilização deste material educativo.

A proposta do material é de lidar com recursos mínimos, por isso o dispositivo *dobra* pode ser impresso quantas vezes for necessário pelo professor e os exercícios de experimentação das obras podem ser realizados com poucos materiais, como riscadores (lápis ou canetas) e celulares (para registro em foto, vídeo e som). Os demais recursos são todos encontrados no ambiente circundante ou feitos na relação com outros sujeitos ou sob o próprio corpo dos participantes.

A escolha da abordagem por recursos mínimos visou atender aos objetivos iniciais do material educativo e dar maior viabilidade para ativações do dobra, mas também dialoga com questões debatidas em reflexões anteriores (ROCHA, 2018), sobre experimentações imateriais no ensino (contemporâneo) da arte contemporânea.

4. Relato da ativação do dispositivo no contexto do Ensino Médio

O diálogo entre a universidade e o ensino básico ocorre no período da graduação, nos estágios ou em projetos de extensão com ações formativas. No entanto, para um montante significativo de professores de arte, ao adentrar nos primeiros anos do exercício da licenciatura, necessitam andar sozinhos. O diálogo da universidade com os professores em exercício muitas vezes não acontece após o término da graduação. Principalmente se o professor não tem objetivos de seguir com a carreira acadêmica e cursar especialização, mestrado ou doutorado naquele momento. A necessidade maior é adentrar ao mundo do trabalho. A solidão que aparece nas respostas dos professores respondentes aos questionários da pesquisa do Observatório é real e agravada dentro do pouco espaço que o ensino de Arte ocupa no currículo brasileiro. Agravam-se ainda com casos em que os professores atuam em mais de uma escola para completar sua jornada semanal.

O diálogo entre a universidade e o ensino básico em um contexto continental como o Brasil, no qual os cursos de licenciatura em artes (13 em Institutos Federais) estão em maioria nas capitais ou no modelo à distância, é

algo desafiador. No caso dos campi avançados dos Institutos Federais que têm por princípio a interiorização, a localização torna as relações com a universidade ainda mais distante.

No Estado do Paraná somos 26 campi do Instituto Federal - IFPR, e apenas um deles, campus Palmas, oferta o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Contudo, esse campus fica a 118 quilômetros de distância do contexto de desenvolvimento do presente projeto e não tem nenhuma ação em comum com o Campus Avançado Coronel Vivida.

Por caracterizar-se como uma política de interiorização, desde 2008, os Institutos Federais foram inaugurados em localidades distantes dos centros metropolitanos/urbanos.

Localizado há 486 quilômetros da capital, Curitiba, o campus Coronel Vivida tem atualmente 260 estudantes matriculados.

Ser professor de Arte em um Instituto Federal tem especificidades próprias, por serem cursos técnicos profissionalizantes integrados ao Ensino Médio, os cursos ofertados consideram os arranjos produtivos locais. Nesse caso, em Coronel Vivida são: Técnico em Administração e Técnico em Cooperativismo.

As aulas de artes são ministradas por uma professora com formação em Artes Visuais e o curso de Cooperativismo tem a carga horária de artes maior que o de Administração. No curso técnico em Administração são 2 aulas de 50 minutos semanais, no 1º ano do curso totalizando 80 horas/aula; já no curso técnico em Cooperativismo são 2 aulas semanais de 50 minutos, no 1º e 2º ano do curso totalizando 160 horas/aula. Essas duas aulas semanais são sempre juntas/geminadas, totalizando 100 minutos em cada encontro semanal, contribuindo para uma continuidade das práticas e/ou discussões em sala - distinguindo-se do desafio do tempo indicado anteriormente no retorno dos demais docentes.

Outro ponto que se diferencia da realidade relatada por muitos professores respondentes dos questionários da pesquisa do Observatório diz respeito ao espaço físico, uma vez que o Campus Coronel Vivida possui 6 laboratórios, sendo um de artes. Portanto, contamos com uma sala ambiente que dispõe de características próprias para o desenvolvimento de exercícios diretamente relacionados às especificidades da disciplina. Nesse laboratório temos pia, projetor, desktop, acesso à internet de boa qualidade, caixas de som, cadeiras, camarim com local para figurinos, maquiagem, depósito de materiais diversos,

quadro para giz, mesas coletivas que podem ser desmontadas, além de material como tinta, papel sulfite, papel kraft, isopor, lápis de cor aquarelável, pincéis, telas, argila, TNT, fitas, fios, cola e materiais diversos para serem utilizados em processos de criação.

Imagem 3- Sala/laboratório de artes - IFPR Campus Avançado Coronel Vivida



Também destoando da realidade do retorno de alguns professores respondentes do questionário produzido pelo Observatório, além de uma sala/laboratório ambientado para as aulas de artes nos Institutos Federais, os professores de arte contam com uma carga horária assegurada para projetos de Ensino de até 4 horas semanais e Extensão de até 16 horas, que ampliam ainda mais as experiências artísticas e estéticas dos estudantes que têm interesse na área, pois essas outras horas são realizadas no contraturno.

Arte é uma disciplina do núcleo comum dentro do Ensino Médio Integrado do IFPR ao lado da sociologia, filosofia, história, matemática, geografia, biologia e língua portuguesa, todas voltadas para uma compreensão crítica do mundo do trabalho. No contexto do ensino profissional essas disciplinas subsidiam a formação técnica e cidadã dos estudantes. Nas ementas da disciplina dos dois cursos do Campus há o conteúdo de arte contemporânea, que é trabalhado em projetos integrados com sociologia e geografia a partir da temática do meio ambiente. Neste ano, a oportunidade de trabalhar com o dispositivo *dobra* palavra foi uma experiência diferente para todos e todas, professores e estudantes.

Pensando na perspectiva do material de apoio, apontada por alguns professores nos questionários, é importante pontuar que desde 2018 o Campus

não adota mais livro didático e tem trabalhado com projetos integrados numa proposta personalizada. A possibilidade de utilizar o material educativo produzido pelo Grupo de Pesquisa da Ufes foi uma oportunidade ímpar, primeiramente porque apresenta o conteúdo de arte como princípio e porque parte de artistas e não de projetos, fazendo com que a arte atue como protagonista e não como coadjuvante. A parceria estabelecida também foi importante para perceber novos formatos além do livro didático do PNLD como dispositivo²². A partir do momento que as editoras incluíram conteúdos no formato que atende ao Novo Ensino Médio²³ a adoção do livro foi optativa para a educação profissional e tecnológica que é ofertada nos Institutos Federais. Em edições anteriores muitos institutos adotaram o livro, mas “diferentemente das edições anteriores [...] os livros agora não contemplam mais disciplinas individuais e sim as áreas de conhecimento, que o Guia denomina ‘projetos integradores’” (Carvalho, 2021, p. 3).

5. O processo criador na docência

Com o material em mãos, o processo criador se iniciou ao planejar o tempo e o espaço dentro do contexto de atuação. Uma primeira leitura inicial e uma aproximação com as artistas trabalhadas no *dobra* palavra foram necessárias, pois artistas como Jenny Holzer e Ivana Vollaro eram ainda desconhecidas. Essa primeira pesquisa ao iniciar um trabalho com um novo material evidencia um processo desafiador e enriquecedor para o trabalho docente, porque não assume-se um novo material educativo como fórmula ou receita, mas como um pouco de partida para estudo.

Ao apresentar o material para uma turma de estudantes de 15 e 16 anos, a proposta foi que se organizassem em grupos, considerando a temática utilizada pelas artistas no *dobra*. Como o dispositivo apresenta cinco artistas principais e mais outros nas propostas de desdobramentos, foi sugerido que os estudantes pudessem escolher por afinidade da temática utilizada para desenvolver seus trabalhos.

²² Os livros didáticos do PNLD

²³ Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Brasília, DF, 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm. Acesso 30 jul 2023.

Nesse processo, por exemplo, os estudantes que têm proximidade com a música logo indicaram verbalmente que gostariam de ficar no grupo da Raquel Stolf, porque ela trabalhava com som; assim criaram o projeto coleções imaginadas e já foram a campo coletar fragmentos sonoros para o projeto chamado “Os aprovados 2021-2023”.

O trabalho apresentado em áudio com 7’37” minutos continha o nome de todos estudantes que estão atualmente estudando no Campus, no qual o grupo formulou um movimento de entrevista em que cada entrevistado gravava seu nome completo com o timbre da sua voz para fazer parte do trabalho na versão final.

Como a obra de Raquel Stolf, que deu a partida para o processo de experimentação, trata de uma coleção de palavras de coisas que “podem ser brancas, parecem ser brancas ou eram brancas”, além desta coleção de aprovados, outras listas foram também citadas pelos estudantes do grupo. Uma delas foi a letra da música “O pulso ainda pulsa” (1989) da banda Titãs, a qual possui uma coleção de doenças, outra foi a música “Matança” (1984) de autoria de Xangai, que em sua letra apresenta uma coleção de nomes de árvores. Os outros grupos foram também procurando com qual temática tinham maior proximidade aleatória de som e assim dividiram-se entre as subcategorias propostas no material: corpo, política, território e espaço.

No segundo encontro, foi realizada uma aula expositiva apresentando as obras das artistas citadas no material, ação que se fez necessária para que os estudantes iniciassem uma aproximação às obras. O objetivo da professora era que todas as 5 artistas destaques do material fossem abordadas nos trabalhos dos estudantes. A obra “Porque as palavras estão por toda parte” (2008), de Marilá Dardot foi uma das que chamou bastante a atenção, pela possibilidade de conexão com outras já vistas, como as formas de cerâmica da artista vistas em uma visita ao Instituto Inhotim, MG.

Nesse momento de leitura das obras, uma estudante lembrou de um trabalho de arte que referenciava também a materialidade citada no material, indicando a obra “Você me dá sua palavra” (2004), de Elida Tessler, que estivera em exposição no ano anterior no corredor do Campus. Assim criou-se o segundo grupo, onde três estudantes do sexo feminino tomaram para elas as obras de Elida, não se limitando àquela citada no *dobra* palavra, evidenciando como os

materiais educativos dentro de sala de aula são apenas o ponto de partida para as conexões que os estudantes vão estabelecer com seu repertório. Como havia grampos de roupa e uma tela com moldura de madeira na sala disponível, logo o grupo pediu se podiam recriar aquela mesma obra, pois tinham uma provocação diferente da artista, ao invés de “você me dá sua palavra?”, elas solicitam uma doação de sentimento. A recriação foi “Deixe um sentimento”.

Imagem 4- Sala/laboratório de artes - IFPR Campus Avançado Coronel Vivida



Já no terceiro encontro aconteceu a exibição do vídeo “Marca registrada” (1975), de Letícia Parente, citado no material educativo como palavra corpo. A obra foi motivo de muitas interações e um *brainstorm* foi proposto após sua exibição; nele as palavras ressaltadas pelos estudantes foram: dor, migração, ditadura, corpo mercadoria, comércio na internet e prostituição.

O grupo que adotou essa artista para sua proposição preferiu recriar a obra a partir de uma silhueta de uma figura humana em papel pardo e partindo de uma pesquisa na internet, criou uma lista de pessoas que foram mortas por racismo. Esses nomes foram escritos com pincel preto/negro nas bordas da silhueta. Enquanto produziam a recriação um dos estudantes questionou quantos negros estudavam no Campus? A partir da pergunta o grupo identificou que no IFPR Coronel Vivida estudam apenas 1 negro, 3 indígenas e 39 pardos, constatando que mesmo sendo uma instituição que realiza o processo seletivo considerando a política de cotas, a realidade do Campus é branca.

O quarto grupo que sentiu-se afetado pela obra “Proteja-me do que eu quero” (1987), de Jenny Holzer era formado por 3 estudantes do sexo feminino. Juntas, decidiram produzir um questionário *online* para recolher dados sobre consumismo entre os estudantes do Campus.

Entre as discussões do grupo antes de iniciar as produções estiveram os carimbos de Cildo Meireles, pois foi a primeira obra que elas relacionam com arte/política, as taxações da Shein, as promoções falsas da *Black“Fraude”*, políticas públicas relacionadas aos filtros na internet para escolas, canais de vídeos sem propagandas em escolas, elas se perguntavam sobre o vínculo dessas propagandas com assinaturas pagas.

A partir de todo o debate sobre consumo, iniciaram a obra: “Porque querem que eu consuma quando estou pesquisando?”. Durante seu processo criativo as estudantes citaram o filme “Obsolescência programada” de (2010), da diretora alemã Cosima Dannoritzer, que assistimos em uma das aulas. Esse filme trata sobre produtos que em 1920 eram produzidos para durar muito tempo, mas isso não era lucrativo, assim pesquisadores foram pagos para criar produtos que duram menos tempo. Em vista dessa mudança, a demanda por comprar novamente se retroalimenta.

O resultado dos questionários respondidos por 67 estudantes do Campus foi que 74% dos respondentes se auto-avaliam consumistas. A partir desses dados as meninas produziram uma imagem de um monstro consumista multicolor.

Imagem 5- “Porque querem que eu consuma quando estou pesquisando?” (2023



Como a ideia do desenvolvimento do projeto era passar por todas as artistas apresentadas no material educativo, todos os grupos precisariam eleger a produção de uma das categorias apresentadas. Contudo, a obra que os estudantes tiveram maior resistência em se apropriar foi “Vermello” (2000), de Ivana Vollaro. Talvez, uma questão que justifique essa falta de relação possa ser que a artista argentina ainda era desconhecida pela professora e isso influenciou em sua conduta, porque deu pouca ênfase nas obras dessa artista em sua aula expositiva.

Entre uma semana e outra a professora pesquisou mais sobre a vida e obra de Ivana Vollaro e lembrou de uma revista que tinha em casa, *Select*, edição outubro/novembro 2011, que na capa a manchete era “Habla-se Portunhol - O idioma freestyle e anárquico não tem fronteiras”. Após maior compreensão sobre a obra, foi possível acompanhar um dos grupos que ficou responsável em trabalhar com a subcategoria palavra território.

O grupo de estudantes iniciou o projeto apresentando ideias a partir do conceito de território geográfico e, a partir dessa ideia, logo incluiu as questões das demarcações das terras indígenas, que estavam em pauta na mídia na semana de desenvolvimento do projeto. Nesse momento, a aproximação da professora com o grupo foi muito importante, pois enquanto outros estudantes já estavam na etapa de produção, este ainda estava elaborando o conceito proposto pela artista. Ao debruçar-se na pesquisa, juntamente com a professora encontraram o interesse de pesquisa da artista: “*Existe el portuñol de la frontera y el portuñol del viage*”, como refere-se Vollaro.

Inicialmente, as estudantes destacaram a cidade de Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul, conhecida por ser “sem fronteiras linguísticas”, só geográficas. Esse exemplo fez as estudantes destacarem e citarem os 3 indígenas que estudam no Campus, que falam guarani/kaingang e convivem na terra indígena de Mangueirinha, situada a 45 km do Campus, local onde ocorre esse mesmo fenômeno linguístico.

A professora acrescentou que o IFPR Coronel Vivida oferta desde 2022 um curso de língua portuguesa e cultura brasileira para uma turma de estrangeiros, em maioria haitianos adultos, e que o objetivo é conhecer cada dia mais o crioulo, que eles falam para adentrar nessa seara do multiculturalismo linguístico.

O grupo chegou, a partir das pesquisas, na cooperativa Eloísa Cartonera e conheceu, juntamente com a professora, o Movimento Cartonero, uma prática de resistência da literatura popular, que hoje tem mais de 30 editoras nos países latinos. O movimento produz livros de papelão, recolhidos por catadores e escritos à mão. A recriação não foi produzida naquele momento pela limitação de tempo para o desenvolvimento, mas a pesquisa na biblioteca do Campus durante o período das aulas foi suficiente para registrarem em seus portfólios o quanto a obra de Ivana Vollaro acrescentou conhecimento sobre diversos aspectos da vida.

Ao final, com a conclusão dos exercícios autorais desenvolvidos pelos estudantes, pode-se refletir que a mediação da professora durante todo o processo de ensino/aprendizagem fomentou seu repertório e o processo criador docente e discente foi construído coletivamente.

A partir do diálogo e pesquisa que os trabalhos foram se construindo. O *dobra* palavra foi para a professora e para os estudantes uma abertura ao diálogo sobre o novo, um caminho para a experiência estética. Este fato foi importante para que o processo de comunicação entre sujeito, obra e artistas principalmente contemporâneos e da América Latina acontecesse.

Considerações finais

Quanto conhecimento cabe nas dobras de um material educativo que se propõe incluir mulheres artistas contemporâneas no repertório e na prática de professores e estudantes em sala de aula? Quantas possibilidades existem nas trocas estabelecidas em projetos interinstitucionais e nos intercâmbios estabelecidos entre universidade e ensino básico? Levantamos nesse texto alguns dos inumeráveis desdobramentos possíveis a partir do material *dobra* palavra produzido pelo Grupo de Pesquisa Entre, da Universidade Federal do Espírito Santo, e resultados produzidos a partir da prática autoral dos estudantes e da professora do Instituto Federal do Paraná - Campus Avançado Coronel Vivida.

Ao desdobrar o material educativo juntamente com questões levantadas na pesquisa do Observatório foi possível perceber que os contextos dos professores de arte dos institutos federais diferem quanto ao espaço, ao

tempo e às condições de planejamento e projeto para as atividades de ensino de arte dos demais professores.

A leitura do resultado da pesquisa desenvolvida pelo coletivo de pesquisadores permitiu, contudo, identificar a necessidade de promover práticas e processos de criação com materiais diversificados que contribuem para a aprendizagem em arte.

O material educativo apresentado nesse texto foi construído como uma possibilidade de interlocução das pesquisas elaboradas na Universidade com docentes atuantes em diferentes espaços educacionais, tendo na tipologia do *dobra*, que lida com uma proposição de dispositivo mínimo e reproduzível, a potencialidade de ser adotado por diferentes contextos, distantes do Espírito Santo ou do *lócus* de desenvolvimento e formação onde o Grupo Entre consegue atuar presencialmente.

O intercâmbio desenvolvido com o IFPR possibilitou ver as ideias na prática, realizadas a partir do olhar e da criação de estudantes que não estão dentro do escopo de atuação dos professores atuantes no coletivo de pesquisadores.

Do outro ponto de vista, a partir da experiência relatada do projeto desenvolvido, pôde-se considerar como a sala ambiente do Instituto Federal do Campus Coronel Vivida é um espaço que instiga, questiona, inspira o processo criativo tanto da professora como dos estudantes que lá convivem. Quatro dos cinco projetos de recriação das obras das artistas apresentadas no material educativo *dobra* palavra mobilizaram os estudantes do 2º ano a ampliarem suas interações com outros estudantes do Campus, indo além da sua turma, rompendo fronteiras e construindo relações com outros discentes.

A proposta de um dispositivo mínimo com potencial de desdobrar em infinitas possibilidades de acesso a artistas brasileiras e latinoamericanas, principalmente, trouxe novo repertório para conectar-se com as referências dos estudantes. Quanta informação organizada a partir de uma temática da arte cabe em uma folha sulfite? Porque a reclamação de material é tão replicada entre os respondentes na pesquisa do Observatório? Há uma repulsa pelo sulfite como recurso porque ele é o material (depois do giz) que mais esteve presente nas aulas de arte. Hoje já vemos um novo movimento, onde as telas digitais substituem o próprio papel.

Depois do desenvolvimento com os estudantes, identifica-se que existe potencialidade nesse recurso da folha de papel sulfite e que a diferença está no conteúdo proposto e nas múltiplas possibilidades que o *dobra* palavra carrega. O dispositivo é instigante, aberto a cada novo encontro, se desdobra além da dobradura. Outras possibilidades surgem a cada novo contexto, a cada novo sujeito que traz suas histórias e experiências para o encontro. Um tipo de experiência própria do encontro com a arte. A partir da perspectiva do IFPR, após ter utilizado o material é possível perceber a necessidade de planejá-lo para um tempo mais alargado, quiçá durante um bimestre, pois muitas das propostas do material não foram exploradas por ter sido planejado para apenas 6 aulas com ele.

Como são diversas as formas de acessá-lo, quando o material foi entregue aos estudantes, alguns foram logo preenchendo a coleção de palavras proposta a partir da obra de Raquel Stolf, enquanto outros passavam rapidamente pelos nomes estranhos e procuravam artistas e obras que já conheciam, outros solicitaram o uso do celular para pesquisar mais a respeito, principalmente sobre o vídeo de Letícia Parente. O caminho construído de forma personalizada por cada grupo evidencia como um tempo mais alargado possibilitaria uma experiência mais reflexiva a partir das produções dos estudantes.

Ao final, permanece entre as autoras o desejo de um trabalho mais coletivo, em que parcerias como essa sejam mais constantes e que possamos promover trocas entre diferentes contextos formativos, pensando os desafios elencados pelos professores respondentes da pesquisa tanto na perspectiva dos nossos contextos de atuação, como a partir do olhar dos nossos pares.

O diálogo produzido no decorrer dos dois meses de desenvolvimento da proposta e no período posterior, para a escrita dessa reflexão, evidenciam como as instituições formativas do ensino da arte precisam conectar-se para além das suas fronteiras e propor outras formas de desdobramentos.

Referências

BRASIL. Lei Nº 11.892/08 de 29 de dezembro de 2008. **Diário Oficial da União**, Ministério da Educação. Edição de 30/12/2008. Brasília, 2008.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 30 jul 2023.

CARVALHO, Edvaldo do Nascimento. **O componente curricular Arte nos livros didáticos do Novo Ensino Médio: uma análise da abordagem nos livros de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 21, 8 de junho de 2021. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/21/o-componente-curriculararte-nos-livros-didaticos-do-novo-ensino-medio-uma-analise-da-abordagem-nos-livros-de-linguagens-codigos-e-suas-tecnologias>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MÖRSCH, Carmen. **Time for cultural mediation**. Zurich: Institute for Art Education of Zurich University of the Arts, 2014.

ROCHA, Julia. Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea - Semelhanças e enfrentamentos entre metodologia e conteúdo. In: **Anais do 27º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Práticas e contratações**; 24 a 28 de setembro de 2018; São Paulo. São Paulo: ANPAP, 2018.

ROCHA, Julia. **Processos avaliativos em mediação cultural** - A postura reflexiva das ações educativas. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista. São Paulo, p. 125. 2012.